

## A LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA EM MACAU

*Maria Inês de Oliveira<sup>1</sup>  
Kesley Mariano da Silva<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Levando em consideração a cidade de Macau, esse trabalho tem como objetivo entender qual a influência da colonização portuguesa para a formação cultural, espiritual, social e principalmente a formação linguística daquele povo. Buscou-se traçar uma análise sobre o pressuposto de um possível desinteresse dos macaenses para com a língua portuguesa. Neste sentido, este trabalho inventariou algumas das manifestações desta língua nas artes, como a literatura de língua portuguesa, a fim de evidenciar a enriquecedora cultura sobre suas origens. Apesar de um esforço contínuo em incentivar o ensino da língua portuguesa, por parte das universidades e iniciativas independentes, o interesse pela língua não tem sido despertado entre todos os aprendizes. Os nativos fazem uso do dialeto Patoá e, como segunda língua, o inglês. O português é utilizado por uma minoria, em geral aqueles que vêm de Portugal. Atualmente, pela influência inglesa em Hong Kong e pela resistência cultural em ensinar uma língua quase não utilizada, são poucos os que chegam nas escolas com algum conhecimento em língua portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Macau. Língua portuguesa. Literatura portuguesa. Artes. Literatura em língua portuguesa.

**ABSTRACT:** Taking into consideration the city of Macao, this work aims to understand the influence of the Portuguese colonization on the cultural, spiritual, mystical, and mainly linguistic formation of those people. The aim was to find a solution to the lack of interest of the Macanese in the Portuguese language, encouraging them to take advantage of the arts, such as Portuguese language literature, to enrich the culture and learn about its origins.

Despite a continuous effort to encourage the teaching of the Portuguese language by universities and independent initiatives, interest in the language has not been aroused among learners. The natives use the Patoá dialect and, as a second language, English. Portuguese is used by a minority, in general, those who come from Portugal. Currently, due to the English influence in Hong Kong and the cultural resistance to teaching an almost unused language, few students arrive at schools with some knowledge of the Portuguese language.

**KEYWORDS:** Macao. Portuguese language. Portuguese literature. Arts. Literature in the Portuguese language.

**Data de Submissão: 29 OUT. 2022**

**Data de Aprovação: 15 NOV. 2022**

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras - Centro Universitário Alfredo Nasser – UNIFAN (2019). E-mail: [ines.brasil64@gmail.com](mailto:ines.brasil64@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduação em Letras (UEG – 2007); Graduação em Direito (FMB – 2009); Especialização em Docência do Ensino Superior (FINOM – 2012); Especialização em Língua Portuguesa e Literatura (Faculdade ESEA – 2021); Mestrado em Ciências da Educação (UNESA – 2016); Doutorado em Ciências da Educação (UDS – 2020). E-mail: [kesleymariano@hotmail.com](mailto:kesleymariano@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

Macau fez parte de Portugal de 1557 a 1999, quando foi devolvida para a China. Devido a um acordo diplomático pactuado entre europeus e asiáticos, Macau foi considerada Região Autônoma da China.

O nome oficial de Macau é “Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China”. As línguas mais faladas em Macau são: O cantonês (dialeto chinês falado em Cantão atual Guangzhou na província de Guangdong) pela maioria da população; o Chinês (Mandarim) tradicional; o dialeto Patoá e; o Português, falado por uma minoria vindos da Metrópole Portuguesa e por aqueles que trabalham nas áreas administrativas da península.

Considerando a contextualização da escrita, o presente artigo abordará os aspectos mais relevantes acerca da importância da literatura de língua portuguesa em Macau. Com o tempo, a língua portuguesa falada na península sofreu diversas modificações por distintos grupos sociais, idealização cultural e relações com povos de cidades e países vizinhos, sendo considerada atualmente a terceira língua entre os inqueridos.

Assim, pretende-se demonstrar uma perspectiva sociológica à temática da língua portuguesa, tendo subjacente a dimensão cultural, para ressaltar sua relevância linguística, dentro do território macaense.

O objetivo principal desta pesquisa é encontrar formas de fortalecer a prática do uso da língua portuguesa na cultura macaense. No decorrer do desenvolvimento deste, verificou-se que um dos métodos mais eficazes para fortalecimento de disseminação da língua portuguesa é o desenvolvimento de aprendizagem ligado às relações nos ensinos primários, secundários, universitários e comerciais entre a China e os países de língua portuguesa a prestarem grande atenção ao ensino do idioma.

No transcorrer deste tema, podemos contar com uma vasta análise acerca da manutenção da língua e da cultura portuguesas em Macau, buscando ressaltar aspectos que se prendem a um legado histórico da antiga colônia portuguesa, com referencial teórico ligado à Cortesão (2003), Azevedo (1984), entre outros.

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA COLONIZAÇÃO DE MACAU

Os portugueses, também conhecidos como “desbravadores” de mares e terras, tornaram-se famosos pelas suas aventuras, descobertas e conquistas. Naquela época, por volta de 1500, as embarcações ainda eram bastante precárias. O perigo em alto mar era eminente e incerto, quanto ao retorno à pátria.

Após outras descobertas pelo mundo, dentre elas o Brasil-América do Sul, cujo motivo leva à discussão de duas teorias: uma casual e a outra intencional. A primeira, seria do descobrimento acidental, porque não havia documento que provasse o envio oficial da esquadra ao litoral brasileiro em meio a viagem à Índia, em busca de especiarias. A segunda, porém, não se crê mais na possibilidade de um erro de navegação ao se depararem na costa brasileira, pois, desde as primeiras décadas do século XV, Portugal envia expedições ao Atlântico Sul e seus navegadores conheciam bem as direções dos ventos e das correntes marítimas entre os continentes Africano e as Américas.

Quando aqui chegaram, na tarde de 22 de abril de 1500, as três caravelas: Santa Maria, Pita e Nina, com cerca de 1200 homens, comandadas pelo navegador português Pedro Álvares Cabral, atinge o litoral sul da Bahia, na região da atual cidade de Porto Seguro.

Entre eles estava o fidalgo também português, nascido na cidade do Porto que se notabilizou na função de escrivão da armada de Cabral. Veio a mando do rei de Portugal daquela época, Dom Manuel, para registrar os fatos que ocorressem na viagem. Caminha, escreveu, então, uma carta ao rei, relatando tudo sobre o território: a tão conhecida até a atualidade “A Carta de Pero Vaz de Caminha”.

Segundo os estudiosos, seria o primeiro registro brasileiro – a certidão de nascimento da Nova Terra. Nela, Caminha descreve a fauna, a flora, o clima e especificamente sobre os nativos, nos quais, ele e sua expedição se admiraram muito ao virem que andavam nus, principalmente as mulheres, que até as comparou com as europeias.

[...] Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis com cabelos muito pretos compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas, e tão limpas das cabeleiras que, as muito bem olhamos, não tinham nenhuma vergonha. (CORTESÃO, 2003, p. 21).

Observa-se que nos relatos de Caminha ao rei, subentende-se que os indígenas eram pacíficos e subalternos a uma possível aculturação. E isto é sabido

que mais tarde se sucedera pelos jesuítas. "[...] Ali por então não houve mais fala ou entendimento com eles, por a barbárie deles ser tamanha, que se não entendia nem ouvia ninguém. Acenamos-lhes que fossem: Assim o fizeram e passaram-se além do rio" (CORTEÃO, 2003, p. 21).

Foi, então, a partir da Carta de Pero Vaz que muitos escritores brasileiros como: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Lima Barreto, Cecília Meirelles, Castro Alves, José de Alencar, entre outros, se inspiraram, para daí, começarem a escrever obras literárias de cunho político social e cultural.

Após pouco mais de meio século, fora a vez de Macau - uma peculiar região peninsular situada ao sul da China onde Portugal conclui o seu ciclo de "esplendor enquanto império colonial". Depois de navegarem a costa chinesa a expedição fixou-se nas ilhas de Liampó (designação portuguesa) e original (Nim-Pó). Os portugueses, pediram permissão ao vice-rei e aos mandarins de Cantão para estabelecerem-se em uma ilhota no final da Ilha de Shong San. Nessa ocasião, ergueu-se um templo budista em homenagem à deusa dos marinheiros, A-Má, que atualmente subside-se. Para o sinólogo Gonzaga Gomes, de todos os templos chineses dali ainda existentes, esse é o mais interessante, quer sob o ponto de vista artístico, quer pelas lendas que lhe estão legadas.

De acordo com a versão mais corrente e mais verossímil o nome de Macau fora derivado de Mâ-Kông/Má-Kóng ou de A-Má. De fato, "o nome da cidade deve apenas ter sido atribuído à parte onde se encontra o pagode da barra e, onde, conforme a tradição, desembarcaram os lusos" (AZEVEDO, 1984, p. 9).

Acredita-se ainda, que, sobre a ocupação do território pelos Portugueses, existem várias narrativas. Uma delas, seria a de que os navegantes ajudaram na expulsão de piratas de outros territórios e em cambio as autoridades lhes ofereceram Macau como recompensa, pois, ali somente viviam "uma reduzida população que trabalhava nas marinhas e, porventura alguns pescadores e agricultores" (AZEVEDO, 1984, p. 9-10).

Já entre as fontes chinesas, costuma aparecer não de forma exclusiva a defesa da ideia de uma ocupação progressiva, graças aos interesses dos poderes chineses regionais. Nessas versões, os portugueses, também considerados piratas, tinham importância na região chinesa do Sudeste Asiático, pelo fato da imensa capacidade que eles possuíam de navegar, combater e comerciar. E Macau, uma península ligada

ao continente por um estreito istmo, servia bem aos interesses chineses locais de administrar e controlar a presença estrangeira. “A importância da gênese de Macau, deve-se ao fato de estar nela a base de interesses mútuos, sobre a qual os portugueses mantiveram-se na região, ou seja, o direito de soberania” (SIMAS, 2007, p. 11-12).

Independentemente dos motivos que supuseram na origem desta permissão, surge como consensual a data de fixação dos portugueses em Macau e parece ser aceite que, teriam sido pressionados a deslocarem-se de espaços vizinhos para a península, onde as autoridades chinesas melhor controlavam as suas atividades e, pelas características geográficas do espaço, onde ficariam dependentes do continente chinês de onde provinham os bens necessários à sua sobrevivência – questão que atravessa toda a história de Macau e que, em bom rigor, seria suficiente para aniquilar, por completo, o território – tendo-se dedicado ao comércio, submetendo-se ao poder político chinês e, desde muito cedo, começado a pagar direitos (JIN GUO PING e WU ZHILIANG, 2007, p. 355-363).

No ano de 1557, considerando como a data da chegada dos Portugueses, os mandarins e comerciantes de Macau obtiveram a sanção imperial para que se fixassem no pequeno território. Como sempre acontece nestas circunstâncias, os primeiros anos do estabelecimento dos desbravadores europeus neste ponto da costa, foram bastante penosos. “Começaram por construir cabanas de junco que com o passar do tempo foram substituindo-as por casas de madeira, pedra e tijolo” (AZEVEDO, 1984, p.10).

Alguns anos seguintes, já se contavam na povoação novecentos portugueses, além de muitos chineses. Pouco a pouco Macau fora se tornando um grande empório do extremo-Oriente, entreposto de mercadorias que provinham e se destinavam à China, Japão, Filipinas e Formosa (nome atribuído pelos Portugueses quando chegaram à ilha (1516), cujo nome oficial é Taiwan (AZEVEDO, 1984, p.10).

Como se sabe, o território de Macau é atualmente composto pela península do mesmo nome e pelas ilhas: De Taipa e Coloane, numa superfície total de dezesseis quilômetros quadrados, menos um quilômetro quadrado, do que a menor das ilhas do arquipélago açoriano no Oceano Atlântico. Aquelas ilhas estão hoje integradas ao território e ambas interligadas por um aterro (1968). “A Taipa por sua vez, comunica-se com a península por uma ponte de 2,56 quilômetros de extensão e que na sua

parte mais elevada permite a passagem de grandes navegações (1974)” (AZEVEDO, 1984, p.10).

Pela sua longa separação da parte continental, a zona insular ainda mantém um caráter rural, se bem que ultimamente comece a se tornar um subúrbio. Vários empreendimentos urbanos e turísticos estão sendo construídos ou planejados no que agora se pode chamar de Orla de Macau. Deve ainda assinalar-se que nesta área livre, estão projetadas outras obras que irão contribuir para o desenvolvimento do território com um porto de águas profundas na Ilha de Coloane e um aeroporto no espaço que seria aterrado entre esta ilha e a de Taipa (AZEVEDO, 1984, p. 11).

## 2. A EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: A CHEGADA EM MACAU

A língua portuguesa é oficialmente falada em oito países: Portugal que é o berço, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.<sup>3</sup> É também falada em três cidades na Índia: Goa, Damão e Diu. E na China: Macau.

Assim como o castelhano, o italiano, o francês, entre outros, o português é uma língua proveniente do latim, idioma usado pelos romanos da região central do Lácio, atual Roma capital da Itália. O primeiro marco para o surgimento da língua portuguesa ocorreu no século II a.C., onde a hegemonia celta deu lugar ao domínio romano em um período de guerra.

Em 218 a.C. os romanos dominaram a região da península Ibérica – local que abrange Portugal e Espanha. Anos mais tarde chegaram diversos povos, como os árabes, os godos, os germanos, os bálticos e outros. Com isto, foi se originando a língua portuguesa. Com cerca de 250 milhões de falantes em quatro continentes, essa língua, também chamada de língua românica é a quinta mais falada no mundo. Cada nação que faz seu uso, traz variações culturais próprias como, por exemplo, certos objetos, comida, vegetação e vestuário que possuem nomes que não existem em outros lugares.

No Brasil, ela foi trazida no século XVI por meio do “descobrimento”. O idioma era imposto às línguas nativas e a outros dialetos. E com a chegada de outros povos

---

<sup>3</sup> Fonte: MEC. Comunidade dos países de língua portuguesa. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/encceja-2/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20743-comunidade-dos-paises-de-lingua-portuguesa-cplp>. Acesso em: 10 mar, 2022.

européus e africanos o léxico e o vocabulário foram sofrendo mudanças com introdução e retirada de palavras segundo seus costumes (COUTINHO, 1996).

Em Macau o dialeto ou patois (designação francesa que significa – oralidade), mereceu desde longa data, a atenção dos filólogos portugueses. Este, foi estudado primeiramente por Francisco Adolfo Coelho (1847-1919), em uma monografia que envolvia todos os dialetos portugueses falado fora de Portugal. Destacou, pois, o estudo dos crioulos que são a expressão idiomática da expansão dos portugueses no mundo a partir do século XVI. Na verdade, o crioulo de Macau pode colocar-se a par de outros dialetos com os quais, apresenta semelhanças no Brasil, na África e na Ásia (AZEVEDO, 1984, p. 41).

Relatos de textos publicados na revista Ta-ssi-yang-kuo revelam-se uma linguagem muito mais distante da do nosso tempo e, por vezes incompreensível, com o emprego de um vocabulário estritamente macaense. Identificou-se também uma certa expressão literária, portanto, foi percebido que a língua de Macau já não pode merecer a designação de dialeto. É antes, um falar próprio, com características que não são exclusivamente dali e se revela ainda no português das antigas províncias ultramarinas e naturalmente no Brasil. (AZEVEDO, 1984, p. 43-44).

As influências que sofreu a língua de Macau, são certamente de diversas origens, representando os distintos grupos sociais que foram constituindo a população do território nas suas relações com os povos de países vizinhos: Chineses, malaios, indianos, javaneses, filipinos e mestiços que são designados destas províncias sem quaisquer complexos. (AZEVEDO, 1984, p. 44).

Conforme a versão dos historiadores, os colonos lusitanos ligaram-se com as mulheres da Malásia, além de os macaenses sempre terem tido contato com a Malásia. Foi da cidade de Malaca que partiram os primeiros navegadores comerciantes, com destino aos mares da China. Do mesmo modo, e por interesses mútuos o idioma influenciou nas línguas da Malásia que conservam bastante vocabulários de origem portuguesa. Além do malaio, foram adaptados pelos habitantes da península, termos do canarim ou língua de Goa, devido a dependência administrativa da colônia ao governo da Índia. A língua espanhola também deixou alguns vestígios pela proximidade das Filipinas, onde até o fim do século XIX dominaram os castelhanos (AZEVEDO, 1984, p. 44).

A etnia macaense representa hoje uma percentagem mínima, cerca de três por cento da população chinesa que, principalmente depois da segunda guerra mundial,

têm invadido o território e nele se conservou com seus usos, costumes e com grande parte dos elementos lexicais com outras formas gramaticais provenientes do chinês.

De resto, os Chineses de Macau distinguiram claramente entre o significado dos termos Chong-Kuó-Kian, Sai Yeong-lân e Ou-Mun-lân, isto é, gente de Portugal (metropolitanos) e gente de Macau (macaenses). Também na linguagem corrente do território, quando se fala do “filho da terra”, pretende-se apenas aludir ao macaense genuíno, ou seja, o descendente de portugueses, nascido em Macau, embora nele se misture os sangues de todos aqueles lugares antes citados da redondeza da China inclusive a própria China. (AZEVEDO, 1984, p. 45).

Tanto o filho da terra, como os chineses, quanto outros povos que vivem ali se consideram um ao outro como estrangeiros. Entretanto, se um autêntico chinês entrou no grêmio da Igreja Católica, adquiriu a língua e assimilou a identidade local, passa a ser considerado como um verdadeiro macaense (AZEVEDO, 1984, p. 45).

Noronha e Chaplin, discorrem que:

Desde que foi dada autorização aos portugueses para se estabelecerem neste pequeno pedaço de terra que Macau funciona como ponto de passagem, mas também de residência de uma enorme variedade de pessoas das mais diversas origens. Ao contrário de Hong Kong, onde o processo de construção identitária se iniciou durante a administração inglesa e esteve sempre associado à formação linguística dos seus residentes, na RAEM sempre se promoveu, como em muitos outros locais por onde passaram portugueses, a coabitação e a miscigenação. Em Macau, essa forma de integração dos portugueses deu inclusivamente origem a um grupo populacional com características muito específicas designado como “os filhos da terra”. Não existe consenso entre os investigadores sobre as raízes genéticas e, conseqüentemente, identitárias desta comunidade, mas a designação que escolheram para se descreverem dos restantes habitantes do território — “filhos da terra” — sugere um tipo de construção identitária que não tem por base as suas origens genético - culturais mas a terra onde nasceram. (NORONHA e CHAPLIN, 2011, p. 417).

Como entendimento do conceito de lusofonia que para além de constituir um agrupamento humano de culturas distintas, cujo elemento unificador é a existência de uma língua comum, é simultaneamente um espaço econômico e o resultado de uma organização política que funciona à escala mundial, fácil será perceber que este espaço se constitui como forte motor no que à expansão da língua portuguesa diz respeito – não só pelo que representa em número de falantes mas pelo que significa do ponto de vista econômico.

Em outras palavras, não só no que respeita a uma contabilidade interna a cada país e ao conjunto dos países, mas pelo que representam, cada um e todos juntos

enquanto polo de dinâmicas que, além de econômicas, comerciais e diplomáticas, são também linguísticas. Ainda que os diferentes países não se encontrem todos no mesmo patamar de desenvolvimento, encontram-se em franca ascensão e o Brasil é uma das economias emergentes fazendo parte dos denominados BRICS<sup>4</sup>.

Em um documento escrito pela autora Laborinho, “Para uma política de internacionalização da língua”, apresentado no Encontro Internacional - Língua portuguesa e culturas lusófonas num Universo Globalizado através da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), destaca que:

Enquanto língua de oito Países em quatro continentes, o português tem a vantagem da sua condição pluricontinental. Os Países que fizeram a opção política de adotar o português como língua oficial têm desenvolvido políticas no sentido do seu reforço em todos os níveis do ensino. Essa avaliação foi particularmente significativa quando do debate preparatório em março de 2010 do “Plano de Ação de Brasília para a Promoção, Difusão e Projeção da Língua Portuguesa”, que consignou a ambição de difusão do português além das fronteiras da CPLP. É também vantagem de português a tendência demográfica dos países da CPLP que, com exceção de Portugal, fazem prever um significativo aumento de falantes na próxima década. Mas, decerto, o fato mais favorável à difusão do português consiste no crescimento econômico de países como Brasil e Angola, bem como as relações de cooperação regional, o que tem levado a introdução do português como segunda língua nos sistemas de ensino de países africanos e da América do Sul. (LABORINHO, 2010, p. 2-3).

Curiosamente há outro aspecto a considerar de maneira geral que na língua de Macau, há uma ausência quase completa de vocabulários relacionados com a agricultura. Evidentemente não se trata de um povo de lavradores – o pequeno solo de Macau não o permitia – mas de gente empregada no funcionalismo de todos os graus, ou, quando muito, em atividades que se designam como terciárias. Por isso o léxico macaense revela uma influência culta. São, no entanto, muito abundantes os termos referentes à culinária, mesclando um receituário não só português, mas também chinês, malaio e indiano (AZEVEDO, 1984, p. 45) (TEIXEIRA-E-SILVA; LIMA-HERNANDES, 2014).

Na fase do século passado, segundo análise do macaense João Feliciano Marques Pereira, a língua de Macau apresentava-se sob três formas que se podiam assim distinguir:

---

<sup>4</sup> BRICS é um agrupamento de países de mercado emergente em relação ao seu desenvolvimento econômico. Trata-se de um acrônimo da língua inglesa que é geralmente traduzido como "os BRICS" ou "países BRICS" ou, alternativamente, como os "Cinco Grandes". O agrupamento começou com quatro países sob o nome BRIC, reunindo Brasil, Rússia, Índia e China. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/entity/m0gyrf98?hl=pt>

1. O macaísta cerrado ou macaísta puro, que era, sem dúvida, o mais interessante, falado pelas classes populares;
2. O macaísta que se aproximava do português corrente, usado pelas famílias de maior nível social e em contatos frequentes com os recém-vindos da Metrópole;
3. E o macaísta falado pelos chineses. Esta, porém, com influência inglesa das proximidades de Hong Kong, ex-colônia britânica. (AZEVEDO, 1984, p. 45-46).

Ainda hoje se surpreende o fato de que a segunda língua praticada em Macau, depois do chinês, seja o inglês e não o português. Pode dizer-se sem exagero, que “a língua portuguesa só é usada em Macau nos atos administrativos e por funcionários macaenses recém-vindos da metrópole e mais raramente por comerciantes ou outras pessoas, apesar dos grandes esforços empreendidos ultimamente pelo governo”, para expandir e valorizar a língua lusitana (AZEVEDO, 1984, p. 46).

Um dos aspectos mais significativos da língua macaense, como de resto acontece com outros crioulos português e com a língua insular é a conservação de termos arcaicos que caíram em desuso no português corrente. Observam-se alguns de maior expressividade: “ama” criada, serviçal doméstica; “asinha” com sentido de depressa; “botar fora”; deitar fora, jogar fora; “botica”, farmácia; “breto”, significando hortaliça; “carreta”, carro pequeno; “papear”, conversar; “mercê”, graças, obrigado (a); “mofina”, triste, infeliz, etc.

Porém, o malaio e o chinês que se tornaram a fonte mais abundante, como é natural do léxico macaense. Não provém somente do contato secular dos macaenses com estes dois povos, mas ainda de um grande número de vocábulos que designam objetos que somente se encontram em Macau. Eis alguns: “bujú”, casaquinho; “cacus”, latrina; “concom”, espécie de couve; “pulu”, arroz entre outros (AZEVEDO, 1984, p. 46-47).

Há também um certo número de vocábulos de origem chinesa que embora modificados, fazem parte integrante do dialeto de Macau. Em comparação ao vocábulo malaio, este tem uma menor influência. Os termos mais correntes merecem destaque: “amui”, rapariga, feminino de rapaz; “atai”, rapaz chinês de pouca idade; “camessé”, gorjeta; “caxá-faxai”, caixa de fósforos; “lichia”, fruto muito apreciado originário da China; “malau”, macaco; “tomtom”, rebuçado, (caramelos, balas doces) etc.

Entre os vocábulos originários da Índia, especialmente do concani, o dialeto de Goa, pode nomear alguns: “bicho”, animal-rapaz e rapariga de pouca idade; “cacada”, gargalhada; “carambola”, fruta; “chachini”, prato de peixe; “fula”, flor; “vaguear”, ter vertigens e outros mais (AZEVEDO, 1984, p. 50).

Das línguas de países orientais, que igualmente tiveram relações com Macau, provieram alguns termos como seja: “caia”, mosquiteiro, do japonês “ka-ya”; “figo-caque” “cáqui”, dióspiro, do japonês “káki”; “quimono” do japonês, quimão. (AZEVEDO, 1984, p. 50)

Das Filipinas se tem registrado o nome de um tecido de algodão “macupa”, jambo e “pano-manila”, isto é, um pano de algodão estampado de risca de xadrez, de cores vivas, muito estimado pelas antigas mulheres de Macau. Do indonésio recebeu ainda a língua macaense, a palavra “samatra”, com o significado de tempestade, a bela ilha de Sumatra e, propriamente do javanês, “cate”, peso com o valor de 610 gramas, ainda empregado corretamente entre os comerciantes chineses. (AZEVEDO, 1984, p. 51)

Das línguas africanas, ou melhor, bantos, contam-se apenas dois vocábulos: “cará” crosta, do nome do tubérculo que significa “batata doce”; e “siara”, no sentido de senhora.

Nota-se também que com a fixação dos ingleses na ilha de Hong Kong em 1841, nas vizinhanças de Macau antes mencionada, tornou-se um poderoso elemento de influência na língua do território sempre em crescimento. Há, porém, uma série de termos, dentre eles, alguns relatados: “afite”, gordo = “fat”; “anidiu”, melão, de “honey-dew”; “cacaí”, estrábico de, “cock-eyed”, “cash”, dinheiro à vista; “dangeroso”, perigoso; “parcar”, estaciona, de “to park”; “queique”, bolo, de “cake”; assar de “to roast” e mais. (AZEVEDO, 1984, p. 51)

Além de muitas particularidades que distinguem, quer no aspecto fonético, quer morfológico, quer sintático, há também uma diferença de tratamento bem pronunciada entre o português corrente e a língua de Macau, do que se apontam alguns exemplos: Entre os irmãos, apenas o irmão ou irmã mais velho são designados por “mano” ou “mana”, os demais são apenas chamados de irmãos (ãs). Podem assim, ouvir frases desse tipo: “Nã tem irmão, só tem mano”. (AZEVEDO, 1984, p.57)

As formas de cumprimentos são muito simplificadas em relação ao uso de Portugal. Quando as pessoas se encontram, normalmente se expressam a hora do dia, baixando a cabeça sem acrescentar mais qualquer outra saudação.

Os tratamentos “tu” e “você”, que implicam o uso da segunda e terceira pessoa do singular das flexões verbais, merecem alguns comentários pela sua aplicação em Macau. O pronome “tu” é usado de forma mais cerimoniosa e só é dirigida às pessoas que não se tem intimidade.

Ao contrário, o apelativo “você” que em Portugal é formal e não íntimo quando se dirige a outras pessoas, em Macau é empregado no âmbito familiar e doméstico.

A língua de Macau tem evoluído, aproximando-se tanto do português moderno como do chinês. Assim, certos termos antigos do século XIX e início do século XX desapareceram completamente da língua corrente. Estão neste caso os vocábulos “sium”, patrões e “siara”, senhora designados pelos chineses, já não são mais usados atualmente.

Por outro lado, o “mancebo”, o homem novo era conhecido por “nhum” ou “nhom”, termo ainda citado nas composições poéticas do século XIX. (AZEVEDO, 1984, p. 58)

Para se ter uma noção das características especiais da língua de Macau, há transcrições de alguns textos publicados, acompanhando-os quando necessário, da sua tradução em vernáculo:

#### **O soneto de Camões, Alma minha gentil...:**

Alma, iou-sa dóci alma qui ávai  
Qui azinha, triste di estunga vida,  
Discansá ali-riva na Ceu pra sempri,  
Dessá iou vivo na terá tud'ora triste.

Se na casa de Dios únde vós ta fica,  
Lembrança di vida pôde guarda,  
Non-mestrê isquecê acunga amor puro  
Qui na iou-se ôlo limpo vêr j'olá.

Uvi: Si pá têm vós têm merecimento  
Acunga dor que já fica co iou,  
Di mágoa di perde vós sim remédio,

Pedi Dios, qui já encurtá vosso vida,  
Pazinha leva iou vai juntado,  
Como azinha tirá vós d'iou-sa vista. (AZEVEDO, 1984, p. 59).

Conforme lenda narrativa, Camões teria passado por este canto, onde viveu, namorou e escreveu algumas estrofes de “Os Lusíadas”.

#### **Poema de Macau**

Pá vós, Macau quirido, pequinino,  
Nesga de cham pa Dios abençoado,  
Macau cristam, qui força di destino  
Já botá na caminho alumiado;

Pa vês, iou pensá vêm co devoção,  
Rabisca unga poema di amor,  
Enfeitado co vós no coração,  
Pa têm mercê di bença di Senhor.

Terra qui nôsse Rê chomá lial,  
Sômente unga: sã vós, bunitéza,  
Filo di coração di Portugal  
Alma puro enchido di beleza

Fou querê vêm conta co sentimento,  
Vósso estória, pa mundo uvi!  
-- Qui di pena fino? Qui di talento?  
Ai, qui saíam Camões nom – tem aqui!

Eis aqui a tradução do poema acima:

Para ti, Macau querida, pequenina, / Nesga de terra por Deus abençoada, / Macau cristão, que a mão do destino / Colocou no caminho iluminado; / Para ti, pensei vir com devoção, / Compor um poema de amor, / Contigo enfeitado no coração, / E assim merecer a benção do senhor.

Terra que um nosso rei chamou leal, / Só uma: és tu, graciosa / Filha do coração de Portugal, / Alma cândida, impregnada de beleza; / Quero vir contar com sentimento, / A todo o mundo a tua história! / -- Mas, com que pena fina? Com que talento? / Ah, que pena não estar aqui Camões. (AZEVEDO, 1984, p. 60).

Para Azevedo (1984, p. 35), Camilo Pessanha um dos escritores que mais influíram na cultura de Macau (1867-1926), escreveu que entre os templos profanos dedicados ao culto à pátria e ao culto do gênio, um dos mais venerados é o modesto jardim de Macau, chamado 'Gruta de Macau'.

E Venceslau de Moraes, quando da sua estada na península (1888-1893), mostrou-se também extremamente impressionado com as belezas naturais da gruta. Escreveu sobre ela um texto de grande realce literário:

Pedras amontoadas sobre pedras, constituindo um pequeno outeiro erigido de arestas, musgosas; abraçando-se ao granito, estendendo as raízes por entre os negros mamelões: tal é que em Macau se chama a Gruta de Camões e que, já de longe se destaca, na aridez quase uniforme da costa, como um grande ramalhete de verduras. (AZEVEDO, 1984, p. 35)

No momento em que Venceslau de Moraes escrevia, a vista que se desfrutava da gruta era muito mais ampla e variada do que nos dias atuais. Acrescenta ainda, o escritor:

Vê-se em baixo a cidade, a amálgama prodigiosa das casas negras dos chineses e a linda serpeada das vilas; e chega-nos o confuso som dos mil pregões dos bazares, o ruído dos tantãs e dos foguetes festivos. Vê-se o leito lodoso do porto interior, juncado à brisa as suas velas de esteira... (AZEVEDO, 1984, p. 35-36).

Infelizmente as lorchas que são as pequenas embarcações tão usadas naquela época, são hoje cada vez mais raras, ainda que o porto interior não tenha perdido completamente seu ar pitoresco com outros tipos de navegações que por ali passam. "Venceslau acreditava que naquele lugar ainda se ouvia os ecos da lira camoniana..."

Lira Camoniana – Luís de Camões, sem dúvida o maior nome do classicismo em Portugal, presentifica de forma ímpar, os dilemas e impasses da cosmovisão renascentista. Os modelos de inspiração clássica marcam o retorno aos valores estéticos e ideológicos da Antiguidade, retorno esse verificado, do ponto de vista formal, pelo resgate das formas outrora privilegiadas. Esse mundo renascentista, que se mostra repleto de impasses e desajustes, apresenta o homem diante de um mundo em transformação e em descompasso. Tal sentimento desencadeia um questionamento filosófico, e o pessimismo dele decorrente ficou cunhado na expressão desconcerto do mundo. Tem-se então um lirismo pessoal, marcado por um estado de melancólico desconcertamento da existência, em decorrência das desilusões da vida. Esse mundo em desconcerto perpassa a lírica camoniana, registrando o olhar renascentista sobre um mundo em constante mutação, presentificado nas imagens utilizadas para retratá-lo. Segundo Antônio José Saraiva, "o mundo é tido como um desconcerto, produto de um destino confuso e irracional" (SARAIVA, s/d: 337).

Quer fosse uma história real, ou apenas uma tradição sem qualquer fundamento, a Gruta de Camões representa uma memória viva e significativa da presença dos Portugueses em Macau na figura de um poeta que é o símbolo da lusitanidade e da expansão portuguesa pelo mundo. Por este motivo, no dia 10 de junho – dia de Portugal - os alunos das escolas de Macau, dirigem-se ali em romagem

para ouvirem estrofes dos “Lusíadas” como exaltação dos valores nacionais (AZEVEDO, 1984, p. 36).

### 3. O PAPEL DO JORNALISMO PARA A LÍNGUA EM MACAU

Analisando o que é relatado por Azevedo (1984, p. 66-72), “o aparecimento do jornalismo em Macau é uma conquista do Liberalismo. Pelos meados do século XVIII, havia sido proibido a atuação da imprensa na cidade do Santo Nome de Deus”. De fato, o primeiro jornal que ali se publicou foi o “A Abelha da China” (1822), redigido pelo ousado mestre Frei António de S. Gonçalo de Amarante e a imprensa na tipografia do governo. Com uma certa aspereza da linguagem, tornou-se o arauto do partido liberal. Era um semanário das quintas-feiras de Macau (AZEVEDO, 1984, p. 65).

O jornal serviu aos liberais como instrumento de defesa, (mantendo, embora, sempre a ofensiva), tribuna de doutrinação política e porta-voz. Conforme afirma Azevedo (1984, p. 65), “Naquela época conturbada e inspirada a aurora do regime liberal, o jornal terminou com a edição de número 67, queimando numa espécie de fé, por decisão judicial, à porta da Ouvidoria de Macau em 27 de dezembro de 1823”.

Sucedeu-lhe a “Gazeta de Macau” (1824-1826), naturalmente solidário ao governo miguelista, de que se publicaram cinquenta números. Tinha como lema os seguintes versos de Camões: “A verdade que eu conto nua e pura/ Vence toda a grandiloqua escritura”.

Com outra atitude política, preocupava-se essencialmente com os problemas e as personalidades locais, numa época em que se digladiavam liberais e miguelistas. Mas, no ponto de vista propriamente jornalístico, assinalava um progresso: Publicava igualmente notícias de Portugal, do estrangeiro e inseria ainda artigos sobre curiosidades e história local.

À “Gazeta de Macau” sucedeu ainda a “Chronica de Macau” (1834-1836), uma folha quinzenal de que saíram apenas 45 números. Durante o século XIX, floresceram vários jornais nos quais não se vingaram. (AZEVEDO, 1984, p. 66-67)

Já no século XX, devem-se assinalar o “Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau”, fundado em 1903 pelo bispo D. João Paulino de Azevedo e Castro, e “Religião e Pátria”, iniciado em 1914, impresso em Hong Kong, dirigido por José Maria Gonzaga Pereira. Acrescentaram-se ainda “O Liberal” (1919-1924), semanário

republicano independente; “A Pátria” também semanário (1923-1928); e a “Voz de Macau” (1931-1947), periódico republicano.

Mas durante o século XX, o jornal que teve maior projeto foi o de “Notícias de Macau” que se propunha “servir os interesses portugueses, levando ao conhecimento de todos, o grau de progresso de Macau, colaborar com a administração da Província, frisar todos os esforços louváveis, registrar tudo o que de bom em Macau se faz e ser um documentário das diversas atividades que tendem a prestigiar o nome português”.

O Notícias de Macau, com uma longa vida, teve o seu início em 1906 e publicou obras de grande valor por iniciativa do também macaísta Luís Gonzaga (1907-1976), sinólogo que muito contribuiu para a expansão da cultura portuguesa em Macau.

“O Clarim”, jornal católico, e a “Gazeta Macaense”, ambos ainda em publicação, fundaram-se respectivamente em 1943 e 1963 (AZEVEDO, 1984, p.67-68).

Entre os mais recentes e também redigidos em língua portuguesa está “O Ponto Final” que foi fundado em 18 de dezembro de 1991, por Paulo Aldo e Carlos Carvalho. Seu primeiro diretor foi o pintor macaense Herculano Estorninho. Foi um feito de grande importância para os macaenses devido a origem da colonização portuguesa no século XVI, agregada à cultura chinesa, criando um enriquecimento geral que é, sem dúvida, um privilégio para a antiga colônia.

### **3.1 Macau debate o futuro do Português e cria a Associação de Estudos de Língua Portuguesa na Ásia**

Em uma conferência Internacional sobre o Ensino e aprendizagem de Português como língua estrangeira, acolhida pela Universidade de Macau nos dias 8 e 9 de abril de 2016, propusera reunir mais de 90 profissionais da área de educação, com o objetivo de promover a investigação científica e a experiência profissional do Ensino – Aprendizagem na Ásia. Uns dos principais objetivos da reunião, fora, o de promover a interação entre acadêmicos chineses e asiáticos em geral, e invocar o reconhecimento e a projeção desta área entre as universidades asiáticas. Através desta iniciativa revisaram o percurso de algumas zonas geográficas da Ásia, onde o Português deixou marcas no vocabulário de várias línguas das regiões nas quais antes citadas.

Três mesas redondas foram realizadas, apresentando 43 comunicações divididas em 12 sessões temáticas. O perfil do estudante chinês, as metodologias de

ensino do Português como língua estrangeira, a análise e produção de materiais didáticos e a formação de professores foram alguns dos temas apresentados ao longo destes dois dias. “Esta conferência internacional é importante para o campo dos estudos de Português, dado que estabelece uma plataforma para que a língua e a literatura portuguesas e os profissionais da cultura de diferentes partes do mundo, partilhem resultados na área da investigação e debatam teorias pedagógicas e práticas dentro da sala de aula”, referiu durante a cerimônia de abertura Hong Gang Jin, diretora da Faculdade de Letras da Universidade de Macau.

A responsável sublinhou ainda a importância de ser Macau a acolher o evento. “Não temos apenas um profundo sentido de responsabilidade na promoção da língua portuguesa, mas também a nobre missão de formar um grande número de falantes de Português, bilíngues e trilingues, que sejam linguisticamente qualificados e culturalmente competentes”, vinculou.

### **3.2 Região Administrativa Especial de Macau, (RAEM) apoia projetos de promoção da língua portuguesa**

À margem da conferência, Sou Chio Fai, coordenador do gabinete de Apoio do Ensino Superior (GAES) do governo da RAEM, disse aos jornalistas que Macau vai iniciar projetos de instituições de ensino superior que promovam a língua portuguesa. Dentre estes, propõe-se o manual de ensino “Português Global”, publicado pelo Instituto Politécnico de Macau (IPM), que chegará a China continental, segundo um acordo fechado com a Commercial Press, uma editora de Pequim.

A Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, explica o vice-diretor Yé Zhiliang, da Faculdade de Espanhol e Português, acredita que o estudo vai trazer benefícios às instituições com os corpos docentes mais bem estruturados. Salienta também o quão importante de já haver, parceria com as Universidades de Lisboa, Porto e de Coimbra, em Portugal; com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a PUC do Rio de Janeiro no Brasil que colaboram com a Universidade de Macau, desde 1987.

A parceria dessas Universidades propicia intercâmbios de discentes do terceiro ano, para as Universidades de Pequim e de Macau. O vice-diretor disse ainda que as instituições de ensino superior da RAEM “tem feito um grande trabalho” nesta área

contribuindo “enormemente” para uma maior aproximação entre as instituições de ensino superior chinesas e lusófonas (DOMINGUES, 2016, p. 66-75).

#### 4. A LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA EM MACAU

No século XVII, com os Portugueses definitivamente assentes em Macau e com a irradiação cultural e espiritual das ordens religiosas, começam a aparecer obras literárias que enriquecem a literatura portuguesa, especialmente aquela que se prende com o Ultramar (colônias europeias fora do continente europeu) (AZEVEDO, 1984, p. 37).

Assim, Fr. Paulo da Trindade (1570-1651), franciscano natural de Macau, deixou ali obras importantes sobre a história do cristianismo no oriente (Conquista Espiritual do Oriente e Descrição do Império da China). Trata-se de uma monografia escrita entre 1630 e 1636, conservada durante muito tempo, manuscrita na Biblioteca Vaticana. Dela se aproveitaram outros historiadores também de Macau, dos quais, Fr. Jacinto de Deus (1612-1681), que escreveu O Vergel de Plantas de Flores da Província da Madre de Deus dos Capuchos da Índia Oriental publicada em 1690, a qual, se pode considerar como uma obra dos clássicos portugueses. É uma crônica dos filhos ilustres em virtude e em letras da sua província de religião. O autor compôs ainda outras obras apologética e de história profana.

Mais tarde, já no século XVIII, foi publicada nos anos 1744-45, uma outra narrativa muito curiosa, devido à pena do frade arrábido, José de Jesus Maria, denominada Ásia Sínica e Japônica (obra póstuma). O livro redigido num estilo ameno e despreocupado, descreve a geografia da Ásia, as primeiras explorações dos Portugueses nos mares da China; a história do Celeste Império; o desenvolvimento de Macau; a missionação dos Portugueses no Japão; e finalmente os acontecimentos decorridos em Macau até a data da sua publicação. Embora a produção de literatura em língua portuguesa não fosse muito numerosa, já é significativa como expressão literária num meio tão avesso às iniciativas culturais.

Ainda nos fins deste século, Macau é representado na literatura portuguesa através de Manuel Maria Barbosa L’Hedois du Bocage (1765-1805). O poeta arcaico lusitano que gostava de comparar o seu destino ao de Camões, e que, segundo a tradição, também estivera na Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, nome oficial de Macau durante o período da administração portuguesa.

Bocage é um dos mais expressivos poetas noturnos da literatura Portuguesa. Em muitos dos seus sonetos, ressoam atmosferas sombrias, antecipando a imaginação ultra-romântica, que recusa a vida normal e medíocre de um cotidiano sem lugar para a aventura, o sonho, o desejo.

#### **Apenas vi do dia a luz brilhante**

Apenas vi do dia a luz brilhante  
Lá de Túbal no empório celebrado,  
Em sanguíneo caráter foi marcado  
Pelos Destinos meu primeiro instante.

Aos dois lustros a morte devorante  
Me roubou, terna mãe, teu doce agrado;  
Segui Marte depois, e enfim meu fado,  
Dos irmãos e do pai me pôs distante.

Vagando a curva terra, o mar profundo,  
Longe da Pátria, longe da aventura,  
Minhas faces com lágrima inundo.  
E enquanto insana multidão procura  
Essas quimeras, esses bens do mundo,  
Suspiro pela paz da sepultura.<sup>5</sup>

Os sonetos de Bocage têm uma forte atmosfera pessoal, de confissão egocêntrica, de uma dramaticidade subjetiva intensa.

Logo no início de sua vida, Bocage, com apenas dezessete anos, alista-se como guarda-marinha onde fez estudos regulares. Nessa altura, já com fama de poeta e versejador, corria por Lisboa. Em 14 de abril de 1786, embarca como oficial da Marinha para a Índia com escala no Rio de Janeiro, passa à Índia, à China e propriamente a Macau, mais pelo amor de aventura do que pelo respeito das suas obrigações profissionais (AZEVEDO, 1984, p. 38).

No entanto, a sua passagem pelo território do Extremo Oriente é assinalada por vários fatos, ainda que sua permanência fosse muito breve, apenas de setembro a outubro de 1789 e março de 1790. Ele próprio exprime numa das suas poesias: “Por bárbaros sertões senil vagante / Até os mares da longínqua China / Fui por bravos tufões arrebatado” (AZEVEDO, 1984, p. 38).

Confessa então que habitava no “remoto Cantão” ou Guangzhou em chinês tradicional, cidade da República Popular da China na província de Guangdong. Situa-

---

<sup>5</sup> BOCAGE. **Apenas do dia a luz brilhante**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/2498/apenas-vi-do-dia-a-luz-brilhante>. Acesso em 11 de jun. 2020.

se cerca de 120 km a noroeste de Hong Kong e 145 km ao norte de Macau. E acrescentava sobre sua estada na China:

A vasta, a fértil China  
Fofa de imaginária antiguidade  
Pelo seu próprio pingue seio  
Te viu com lasso pé vagar mendigo. (AZEVEDO, 1984, p. 38)

Como outras poesias de Bocage, estes versos em que revela as suas aventuras chinesas, têm mais um sabor de prosa do que uma inspiração poética. Todavia, pelas suas confissões percebe-se que o vate passou primeiramente por Cantão de onde partiu-se para Macau. Ali, foi hospedado pelo comerciante Joaquim Pereira de Almeida, que ele evoca como “Ó tu, meu benfeitor, meu caro amigo”. Em Macau escreveu três odes ao gosto clássico, duas das quais dedicou a duas senhoras macaenses: D. Maria Saldanha Noronha e Meneses e D. Maria de Guadalupe Topete Uchoa Garfim.

Do chão, onde a lançaste, a lira apanha  
E seja em brando som por ti cantado  
Um peito de virtudes adornado,  
A piedosa, a magnânima Saldanha. (AZEVEDO, 1984, p. 38)

A poesia intitulada Esperança continha um intuito um tanto interesseiro porque o poeta, graças a posição social que D. Maria Saldanha ocupava na sociedade macaense, solicitava que ela o ajudasse a regressar a Portugal:

Roga-lhe, roga-lhe, enfim que te destrua  
As ânsias, os temores;  
Que à Pátria, ao próprio lar te restitua.  
Ah! Já te disse que sim: Não mais clamores;  
Musa! Musa! Descansa,  
Cantemos o trunfo, ó Esperança. (AZEVEDO, 1984, p. 39)

Dirige-se Bocage a D. Maria Garfim com estes versos:

Aqui meus hinos, a verdade entoa  
Aqui sobre mil flores  
Aos atrativos da preclara Uchoa  
Forjo eternos louvores. (AZEVEDO, 1984, p. 39)

Tanto uma como a outra das suas inspiradoras eram senhoras de grande linhagem e de imensa beleza.

Outra ode foi dedicada ao governador interino de Macau, desembargador Lázaro da Silva Ferreira (1789-1790), que o repatriou para Lisboa, onde acabou por regressar em agosto de 1790.

O poeta ainda exprime o seu desencanto de Macau neste soneto:

Um governo sem mando, um bispo tal,  
de freiras virtuosas, um covil,  
três conventos de frades, cinco mil  
nhons e chinas cristãos, que obram muito mal.

Uma Sé que hoje existe tal e qual,  
catorze prebendados sem ceitel,  
muita pobreza, muita mulher vil,  
cem portugueses, tudo em curral;

Seis fortes, sem soldados, um tambor  
três freguesias cujo ornato é pau  
um vigário geral sem promotor  
Dois colégios e um deles muito mal,  
um Senado que a tudo é superior  
é quanto Portugal tem em Macau (AZEVEDO, 1984, p. 40)

Conhecido como herdeiro do soneto camoniano, Bocage tornou-se popular, por outra marca registrada, que são os seus improvisos satíricos. Reúne e harmoniza um talento poético, especialmente como sonetista incontestável, a uma linguagem cáustica e mordaz como a sua.

## **5. ESCRITORES DE LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA DE MACAU DO SÉCULO XIX**

Como já foi observado, o ensino mantido pelas escolas oficiais no final do século XIX e meados do século XX, criou-se um novo clima cultural em Macau. As manifestações literárias já expressavam um certo otimismo no território. As crianças aprendiam a ler e escrever naturalmente em português, numa outra escola de Gramática Latina. “Os alunos não somente seguiam a aprendizagem do Lácio, mas também se iniciavam na gramática portuguesa.” (AZEVEDO, 1984, p. 69).

Uma das primeiras manifestações literárias da ocasião fora assinalada pelo professor de gramática latina, José Baptista de Miranda e Lima, macaense (1782-1848). Fora também um renomado poeta que compunha em português e em patoá num estilo marcado pela literatura neoclássica.

Outro contribuinte, que oferecera um grande contributo para a expressão da cultura portuguesa em Macau ainda no século XIX e fundador de uma dinastia de

homens ilustres, António Feliciano Marques Pereira, nascido em Lisboa, em 1839, mas residente em Macau desde 1859. Desempenhou durante sua trajetória, outras funções oficiais, sobretudo o jornal semanário em língua portuguesa Ta-ssi-yang-kuo (1863-1866). Notabilizou-se como jornalista, escritor e investigador de mérito. Uma das suas obras mais valiosas é as Ephemérides Commemorativas da História de Macau (1868), mas publicou igualmente Esboços e Perfis, coleção de romances e estudos sociais (1862). O Padroado Português na China (1873) e outras obras sobre administração pública em que interveio como funcionário superior, mais tarde nomeado Consul de Portugal.

Outros autores de prestígio, também são mencionados como: João Feliciano Marques Pereira (1863-1909); Padre Joaquim Afonso Gonçalves (1781-1834); e ainda que não pertença propriamente à cultura, mas à língua portuguesa, merece referência no panorama literário de Macau um livro publicado por um diplomata brasileiro, Henrique C. R. Lisboa, que percorreu o território em 1880. A descrição da cidade é marcada num estilo colorido: “Carros antiquados, cadeirinhas e pedestres cruzam-se constantemente “. E paravam de quando em quando para trocarem cumprimentos e confidências de amor...

Neste momento – como até certo ponto ainda hoje – as ruas da cidade velha eram escabrosas e cortadas, nalguns pontos, por escadinhas que lembravam as de Lisboa. As casas de construção pouco cuidada abriam-se sobre balcões de madeira; subsistiam mais igrejas e conventos do que nos nossos dias; o clero desfrutava de uma grande influência sobre a população; ouvia-se, de tempos a tempos, o repicar dos sinos dos numerosos templos e o ribombar dos tambores nos quartéis de Macau. “Nesta época a cidade conservava todo o ar pitoresco de uma comunidade luso-chinesa”. (AZEVEDO, 1984, p. 69-72)

## **6. ESCRITORES DE LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA DE MACAU SÉCULO XX**

Dois notáveis escritores da literatura portuguesa, já antes referidos, residiram-se em Macau, no fim do século XIX e princípio do século XX e, de certo modo, contribuíram para a irradiação da cultura portuguesa no território, pela influência que exerceram nas suas vidas literárias: Venceslau de Moraes (1854-1929) e Camilo

Pessanha (1867-1926). As suas impressões assinalam-se por um penetrante espírito de observação e por um fino recorte literário.

Venceslau de Moraes em *Traços do Extremo Oriente* refere especialmente à civilização chinesa e a de Macau. Sua passagem por Macau foi demasiadamente curta onde se aportou no dia 7 de julho de 1888, na qualidade de oficial da marinha de guerra. Logo no ano seguinte foi encarregado de uma missão ao Japão que mereceu um louvor do governador Custódio Miguel Borja (14-06-1891) pela eficaz cooperação que prestou ao governo.

Já Camilo Pessanha, que viveu a maior parte de sua existência em Macau, onde chegou em 1894, começou por reger como professor, a disciplina de filosofia, embora cultivando com o maior requinte literário a língua portuguesa, como o provam os poemas de *Clepsydra*, cuja primeira edição publicada em Lisboa é datada de 1923, deixou-se igualmente seduzir pela civilização chinesa. Segue um soneto do autor de *Clepsydra*:

#### VÊNUS

À flor da vaga, o seu cabelo verde,  
Que o torvelinho enreda e desenreda...  
O cheiro a carne que nos embebeda!  
Em que desvios a razão se perde!

Pútrido o ventre, azul e aglutinoso,  
Que a onda, crassa, num balanço alaga,  
E reflui (um olfato que se embriaga)  
Como em um sorvo, murmura de gozo.

O seu esboço, na marinha turva...  
De pé flutua, levemente curva;  
Ficam-lhe os pés atrás, como voando...

E as ondas lutam, como feras magem,  
A lia em que a desfazem disputando,  
E arrastando-a na areia, co'a salsugem [...]. (AZEVEDO, 1984, p. 89-99).

Repara-se já na dimensão irônica do título do poema. Na linha do seu pensamento poético, Pessanha descreve Vênus, símbolo da mulher esplêndida e eterna, porque deusa, designa no soneto, um cadáver. Ao mencionar o pútrido ventre no primeiro verso da segunda estrofe o odor que exala de um cadáver em decomposição, seria comparado pelo poeta, com a atração sexual exercida por Vênus: “Em que desvios a razão se perde”! Como simbolista, seus poemas

demonstravam a dor da existência e o peso da realidade. Neste, pode-se perceber as principais características do simbolismo que são a subjetividade e o pessimismo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ainda não se pode afirmar, apesar da presença portuguesa secular em Macau, que a sua cultura esteja ou seja predominante. A língua portuguesa é somente praticada pelos portugueses metropolitanos. De fato, um português ali recém-chegado, defrontará com sérias dificuldades para exprimir na sua língua, com a população que o rodeia.

Quanto ao ensino da língua portuguesa, a administração tem desenvolvido, nos últimos anos, um esforço meritório, entretanto, por algumas questões não tem conseguido resultados muito favoráveis. Embora os estudantes saibam teoricamente os programas, quanto ao ensino da língua portuguesa, apenas um pequeno número consegue comunicar-se por meio do português adequadamente.

Depois de várias tentativas malogradas, Macau dispõe de instituições de ensino superior, como a Universidade da Ásia oriental, instalada na Ilha de Taipa, em um terreno cedido pelo governo de Macau. Foi construída em 1982-1983 e junto a ela uma biblioteca escolar alguns anos mais tarde. Como se encontra em preparação a criação de um Centro de Estudos de Língua Portuguesa, é provável que o idioma passe a ser considerado como língua obrigatória, após o inglês, como língua veicular do ensino, e o chinês, a língua falada pelos alunos, na sua maioria de etnia chinesa.

Para manter viva a língua portuguesa em Macau-China, há o já citado jornal Ponto Final, com impressão semanal para os nativos daquela península e para as duas ilhas que fazem parte da mesma região administrativa – Taipa e Coloane. A população necessita estabelecer métodos de modo a colocar sempre em prática o uso da língua portuguesa no seu dia-a-dia, para que essa cultura ocidental não enfraqueça e venha a extinguir-se com o passar dos anos.

Muito se pode fazer para que o português se mantenha em voga, por exemplo: uso das artes, dos costumes, da leitura, etc. Revistas e jornais também são muito interessantes para que mantenham o hábito de leitura. O “Ponto Final” é um dos três jornais mais recente em língua portuguesa da Região Administrativa Especial de Macau - RAEM - da República da China. Foi fundado em 18 de dezembro de 1991 por Paulo Aldo e Carlos Carvalho e seu primeiro diretor foi o pintor macaense

Herculano Estorninho. Esse é um feito de grande importância para os macaenses, devido à origem da colonização portuguesa no século XVI agregada à cultura chinesa. Isso cria um enriquecimento geral que é, sem dúvida, um privilégio para a antiga colônia.

Macau é, muitas vezes, caracterizada como um ponto de encontro, de existência harmoniosa e de intercâmbio multicultural (principalmente entre a cultura chinesa e a ocidental). Conseqüentemente, um lugar onde se convergem muitos valores, crenças religiosas, costumes, hábitos, tradições e estilos arquitetônicos. E com a fusão das duas culturas, Macau deve dar continuidade à também tradição portuguesa que tanto contribuiu para o seu desenvolvimento geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Rafael Ávila de. **A influência da cultura portuguesa em Macau**. 1. ed. Lisboa, PT: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, v. 95, 1984.

BOCAGE, Manuel Maria de Barbosa l'Hedois du. Apenas vi do dia a luz brilhante. **Escritas.org**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/2498/apenas-vi-do-dia-a-luz-brilhante>. Acesso em: 8 jun. 2020.

CORTESÃO, J (Org.). **Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil**: Texto Integral. São Paulo: Martin Claret, 2003.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**: Livro Técnico. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: 1996.

DOMINGUES, Catarina. Macau debate o futuro do português na Ásia e cria a associação de estudos de língua portuguesa da Ásia. **Revista do Ensino Superior de Macau**, Macau, CHN, n. 14, p. 66-75, set. 2016. Disponível em: <https://www.dses.gov.mo/images/hemag/images/books/book28/pdf/66-75.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2020.

JIN Guo Ping e WU Zhiliang (2007), **Revisitar os Primórdios de Macau: para uma nova abordagem da História**, Coleção Memória do Oriente. Disponível em: <https://ipor.mo/work/revisitar-os-primordios-de-macau-para-uma-nova-abordagem-da-historia/>. Acesso em 03 ago. 2020.

LABORINHO, Ana Paula (2010), “Para uma política de internacionalização da língua”, comunicação apresentada no **Encontro Internacional Língua portuguesa e culturas lusófonas num Universo Globalizado**, Lisboa, 25 e 26 de outubro,

NORMA CULTA. **A origem da língua portuguesa: um resumo da sua história**. Disponível em: <https://cutt.ly/auxE1r9>. Acesso em: 11 jun. 2020.

NORONHA, Manuel; CHAPLIN, Ian. Researching Changing Language Learning Identities for Ethnic Minority Education Policy Formulation: A Case Study of Macau S.A.R., China. **Filologia Linguística Portuguesa**, v. 13, n. 2.

SARAIVA, António José & LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, s/d. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/8/01.htm>. Acesso em: 24 ago. 2020.

SIMAS, Monica. **Margens do Destino**: Macau e a literatura em língua portuguesa. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2007.

TEIXEIRA-E-SILVA, R.; LIMA-HERNANDES, M. C. Políticas linguísticas e língua portuguesa em Macau, China: à guisa de introdução. **Signótica**, Goiânia, v. 26, n. esp., p. 61–76, 2014. DOI: 10.5216/sig.v26iesp.31400. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/31400>. Acesso em: 13 abr. 2022.

WIKIPEDIA. **Literatura portuguesa em Macau**. Disponível em: <https://cutt.ly/7uxRjeO>. Acesso em: 11 jun. 2020.